

# RISCO DE REURBANIZAÇÃO DA FEBRE AMARELA NO BRASIL E A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DA VIGILÂNCIA AMBIENTAL EM SAÚDE<sup>1</sup>

Talisa Cristine Dassow<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Revisão de literatura

<sup>2</sup> Aluna do curso de Ciências Biológicas na UNIJUÍ, talisa.dassow@sou.unijui.edu.br

Introdução – A Febre Amarela é uma doença causada por um vírus de material genético RNA, da família Flaviviridae e é uma arbovirose, transmitida nas Américas pelos mosquitos dos gêneros *Haemagogus*, *Sabethes* e *Aedes*. Humanos são hospedeiros que se infectam quando picados por um mosquito contaminado, sendo que a partir de então podem desenvolver um quadro de doença febril aguda.

Atualmente o vírus da febre amarela se mantém no território nacional por meio do ciclo silvestre (Febre Amarela Silvestre – FAS), onde os principais hospedeiros do vírus amarílico são primatas não humanos (PNH), como os macacos pertencentes aos gêneros *Alouatta* (bugio), *Callithrix* (sagui), e *Sapajus* (macaco prego). Neles, os artrópodes contaminados com o vírus encontram seus hospedeiros preferenciais, que muitas vezes estão suscetíveis e morrem, atuando como sentinelas para a circulação do vírus na região.

No Brasil a Febre Amarela foi um grande problema de Saúde Pública até por volta do ano de 1942, quando a Febre Amarela Urbana (FAU) desapareceu. Naquela época, através de medidas de controle dos vetores com inseticidas, foi possível a erradicação da doença de ciclo urbano, porém o ciclo silvestre se manteve. Hoje o que ocorre são surtos de Febre Amarela Silvestre (FAS), que é endêmica nas regiões tropicais da América e da África, apresentando um intervalo entre surtos de 5 a 7 anos.

Existe possibilidade de reintrodução do vírus em um ciclo urbano, já que um dos potenciais vetores, o *Aedes aegypti*, é altamente prevalente em todo o Brasil e muito bem adaptado às cidades. Dessa forma o trabalho da vigilância ambiental é fundamental, realizando atividades de monitoramento e controle desse vetor, além de emitir alertas para a introdução do vírus amarílico por meio do monitoramento das populações de PNH e investigação de rumores de mortes dos mesmos. Isso permite a adoção ágil de medidas preventivas como a vacinação, controle de vetores e identificação de casos suspeitos, evitando que o vírus se espalhe.

Metodologia – O estudo foi realizado tendo como base trabalhos na área encontrados através da plataforma de pesquisa Scielo e também por meio dos guias de Vigilância Epidemiológica da FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) e do Ministério da Saúde, além de guias, notas técnicas

e notas informativas sobre a Febre Amarela disponibilizados pelo Centro Estadual de Vigilância em Saúde (CEVS) do Estado do Rio Grande do Sul.

Objetivos – O presente trabalho tem como objetivo discorrer acerca do risco de reurbanização da Febre Amarela no Brasil e a importância do trabalho realizado pela Vigilância Ambiental em Saúde de monitoramento e prevenção da disseminação da doença.

Resultados – A Febre Amarela é uma doença de notificação e investigação compulsória que deve ser sempre registrada no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). A vigilância em saúde é essencial para que a doença não volte a se tornar urbana, estabelecendo o ciclo através do vetor *Ae. aegypti*, que está presente em todo território nacional.

Desse modo, conhecendo o ciclo da doença, a Vigilância Ambiental em Saúde está sempre atenta à morte de primatas não humanos. Em face à toda e qualquer mortandade de macacos (epizootia) uma investigação epidemiológica é realizada para que a causa seja conhecida e medidas efetivas sejam tomadas o mais rápido possível.

Havendo informação de PNH mortos em determinada região, a vigilância ambiental investiga a existência de mais cadáveres de forma a delimitar a extensão da área de transmissão. A necropsia com coleta de tecidos e sangue é realizada naqueles macacos encontrados mortos em relativo estado de conservação, e as amostras são encaminhadas ao laboratório de referência para a Febre Amarela do Estado. Caso haja confirmação de morte causada por FA, o sistema de saúde deve ficar atento a pacientes com suspeição ou quadros compatíveis com a Febre Amarela e também deve intensificar a vacinação em humanos, sendo necessário em muitos casos até mesmo busca ativa de suscetíveis (pessoas não imunizadas). Também é realizada a pesquisa de vetores na área de epizootia, identificando a presença dos vetores no local para avaliar o potencial de propagação da doença.

Os vetores comumente associados à disseminação do vírus amarelo são dos gêneros *Haemagogus* e *Sabethes*, mosquitos de hábitos silvestres. Um estudo liderado pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) avaliou a competência vetorial de *Ae. aegypti* de diferentes regiões do Brasil e concluiu que este mosquito apresenta considerável capacidade de disseminação do agravo. Outro achado preocupante que o estudo revelou foi que o *Ae. albopictus*, mosquito que vive em ambientes rurais, florestados e peridomiciliares e que se alimenta de animais silvestres, além de animais domésticos e seres humanos, também possui competência para disseminar o vírus amarelo, podendo tornar-se uma “ponte” entre o ciclo silvestre e o urbano.

A principal medida de prevenção para a Febre Amarela é a vacinação. Atualmente ela faz parte do calendário vacinal de pessoas residentes em áreas endêmicas ou com circulação viral, onde a taxa de vacinação da população geralmente é alta, chegando a ficar entre 80 a 95% em

algumas regiões. No país todo, no entanto, existe muita heterogeneidade entre as taxas quando consideradas as áreas indenes, ou seja, áreas vulneráveis onde não há conhecimento de circulação viral e a vacinação para FA não faz parte da rotina.

Conclusões– A possibilidade de reintrodução do vírus da Febre Amarela em um ciclo urbano através dos vetores *Ae. albopictus* e *Ae. aegypti* é grave e suscita ações ainda mais intensas e contundentes. Nesse contexto, o papel da Vigilância Ambiental se torna ainda mais premente, tendo em vista a necessidade de investigação e identificação de circulação viral e casos da doença o mais precocemente possível.

Palavras-chave – Vigilância Ambiental, Primatas, Arbovírus, Vírus da Febre Amarela, Aedes.

Agradecimentos – A todos do setor da Vigilância Ambiental da 17ª Coordenadoria Regional de Saúde, em especial ao meu orientador Marcelo de Moura Lima.